Entrevista Marcos* – Parte 1

P = Pesquisador

E = Entrevistado

*pseudônimo

P – Síntese da trajetória na carreira policial

E – Eu entrei na academia da... eu fiz o colégio Tiradentes e pude... na época era outro nome. Mas é o colégio militar da brigada. E aí dali eu entre na academia em 86, fiz vestibular pra PUC na época, pra PUC, na UFRGS, eu não lembro mais. Eu sei que era o vestibular e aí entrei na academia em 86 e o curso naquela época de oficiais eram três anos. Saí em 88. Fui trabalhar no interior do estado. E trabalhei na região noroeste do estado, Três Passos, Frederico Westphalen, Palmeiras das Missões, onde tinha bastante contato com... naquela época as ocupações de terra tinha muito contato com isso, trabalhei bastante nessa região nesse sentido. Num local de pequena propriedade rural. Lá eu estudei direito na faculdade de Ijuí. Aí continuei minha carreira e minha formação em Direito. Depois mais tarde eu saí de lá e fui pra região sul do estado por conta de algumas desavenças com o chefe, algumas coisas assim, aí fui transferido pra região sul do estado. Trabalhei em Jaguarão, fronteira com o Uruguai, aí trabalhei algum tempo pequeno lá. Foi um ano, um ano e pouco assim e voltei pra trabalhar numa escola que forma soldados, que forma sargentos em Montenegro. Ai trabalhei ali 3 anos, 3 anos e pouco com ensino policial. Aí era uma área que eu já tava me aproximando, gostava muito. Depois dali fui pra Porto Alegre trabalhar com policiamento rodoviário, mas ainda na área de ensino policial dentro do policiamento rodoviário. Outro tipo de ensino, que aí é mais treinamento que cursos extensos. Daí fiquei mais uns 3 anos em Porto Alegre no policiamento rodoviário. Como eu voltei a estudar e fui fazer o mestrado em sociologia lá na UFRGS eu pedi para ir para uma outra área mais administrativa. Aí voltei pro ensino. Aí consegui uma vaga no departamento de ensino da Brigada. Aí trabalhei ali mais um 3 ou 4 anos por ali. E depois com as promoções eu fui trabalhando em outros lugares. Aí eu trabalhei um ano na corregedoria da Brigada. Foi uma experiência muito interessante. E depois no departamento administrativo, na parte de aposentadorias. Nesse eu tive uma passagem de alguns meses, quase um ano no policiamento aqui em Porto Alegre. Na zona sul e no comando da academia. Na área de ensino. Trabalhei por último, um ano antes de me aposentar, eu me aposentei em 2015, então entre 2014, lá por março de 2014 até março de 2015 eu trabalhei na secretaria de segurança. Aí no departamento que na época chamava-se de combate à corrupção. Mas que tinha várias outras atribuições. Na verdade era só... tava sendo montado, então fazia algumas tarefas de combate à corrupção e algumas tarefas relacionadas à lei de... como se chama? A gente tá tão acostumado a falar LAI... lei de transparência de fornecimento de informações pro... pras pessoas né em geral.

P – Então você tem uma trajetória bastante vinculada a um viés mais acadêmico digamos assim

E – A primeira metade da vida na parte de policiamento, e aí a segunda metade na parte acadêmica e administrativa. Com umas boas passagens no policiamento, porque no fim, mesmo a gente estando na parte administrativa, pela falta de efetivo volta e meia a gente é convocado para participar de operações, de eleição, de grandes eventos no futebol, campeonatos, final de campeonato. Então a gente acaba sempre estando em contato...

P – Aham, entendi. Agora de uma forma bem geral ainda, como você percebe nesse tempo que você esteve vinculado a polícia, a transformação em termos de tecnologia. De utilização de tecnologias, equipamentos de tecnologias, ou em que medida não houve desenvolvimento de tecnologias nesse teu percurso de uma forma mais geral.

E – Mudou bastante e em alguns momentos bem drasticamente. Deixa eu imaginar assim, me lembrar. Bom, eu peguei ainda, e não é pouco tempo atrás né, então eu entrei em 86, comecei a trabalhar mesmo efetivamente depois do curso em 89. Não é muito tempo. E eu peguei ainda máquina de escrever no aspecto administrativo. Celular ainda era algo que ninguém imaginava que ficasse mais barato e tal. Então a gente usava telefone fixo e rádios de viatura. Então naquela época quer dizer. Isso de 89, onde eu presenciei, e eu tive desde 86 que a gente já fazia alguns estágios e tal até os anos 90 aí, até 95, 96... começam a chegar os primeiros computadores nas unidades aí. Computadores [...] aqueles HD e tal pra parte administrativa e pra parte operacional de registrar ocorrência, alguma coisa assim. Então no final dos anos 90 que começam os computadores a chegar. Até isso éramos a mão, por fichas, arquivamento a mão, tudo... então se quisesse pesquisar alguma ocorrência tinha que entrar em salas enormes com coisas empilhadas, às vezes a chuva ou alguma outra coisa, infiltração de água estragava os documentos, a gente perdia, então... ou mesmo desorganização. Às vezes tinha vezes em que a gente chegava e não achava os documentos que procurava. A tecnologia melhorou muito isso aí. Tanto do ponto de vista administrativo quanto do ponto de vista de controle de pessoal operacional. O que eu senti na época, que já reclamava e que eu acho que continuou todo tempo é que treinavam muito pouco o pessoal para assimilar essas tecnologias. Então cada vez que se incrementava uma tecnologia, o pessoal tinha que aprender um pouco intuitivamente. Do ponto de vista de tecnologias, vamos dizer assim... policiais de uso, eu conto às vezes e o pessoal não acredita muito, mas colete à prova de balas por exemplo eu fui conhecer ao vivo lá por 98, 99. Eu nunca tinha visto assim, a gente nem imaginava colete à prova de balas. Alguns começaram a chegar na capital, no interior a gente às vezes chegava a fazer consórcios para comprar em 10 vezes, 12 vezes um colete comprado e tal. Lá em 97, 99 aí deu uma grande explosão disso aí. Começou, não sei se foi questão do preço do dólar, alguma questão econômica, mas o aporte foi muito grande. Então munição, coletes balísticos, e aí se mudou muito, e aí se começou todo um processo de treinamento, de assimilação disso. Eu acho que aí foi um grande... um dos marcos. Mais tarde, começaram a se aprimorar. Então aí em 2002, 2005 por aí começam a chegar os primeiros notebooks, aí se tem o telefone celular funcionais alguns, ainda são poucos ainda, não são muitos quanto precisaria, então mais isso mudou muito também. Quer dizer, a possibilidade de se tirar fotografia com o telefone também mudou nos últimos ... vamos dizer nos últimos 5 anos, vem de 2005 a agora 2017 mudou muito, porque se, quer dizer, isso numa ocorrência policial a possibilidade de filmar alguma coisa, tirar foto de algum objeto, de alguma pessoa e mandar para um colega ficou completamente... revolucionou. Só que ainda também eu senti assim que falta... isso foi dificilmente sendo assimilado do ponto de vista de treinamento. O e-mail também mudou muito as rotinas. Então facilitou muita coisa. Então diminuiu um pouco a parte burocrática, porque muitas coisas que eram... por exemplo, eu trabalhei numa cidade do interior que quando se publicava alguma coisa que a gente chama de boletim, um documento oficial que publica transferências, algumas coisas importantes pra vida do dia-a-dia administrativo, isso é feito aqui em Porto Alegre. Até 90 mais ou menos, era... até 95, 96, era feito aqui em Porto Alegre, impresso e levado por malotes de correio. Então levava 5, às vezes dependendo do lugar... pra distribuir... aí pra chegar no batalhão, pra distribuir pros seus subordinados levava às vezes 20 dias. Então as pessoas às vezes atrasavam coisas, então...

iam saber de coisas de trocas assim “ah.. agora já tá aqui”... às vezes 30 dias depois que já tinha sido publicado. Com o e-mail e com a publicação de coisas virtuais isso mudou drasticamente também. Então foram substituindo... os meios de comunicação foi bem rápido. Entre 80, 85 até 2005 por aí foi uma mudança muito drástica nos meios de comunicação. Isso ajudou muito. Mas na parte policial isso não refletiu, no meu entender... não refletiu muito. Não refletiu muito. Os rádios ainda têm em muitos lugares pequenos que eu trabalhei e dentro de Porto Alegre também, ainda usavam rádios inadequados. A gente chegava no interior a consertar, a aprender a consertar rádios das viaturas pra se comunicar, porque era muito necessário. Se deslocava prum local 30, 40km isolado. Assim, isolado, sem nada. Onde tinha às vezes alguma coisa acontecendo lá. E às vezes se um rádio pegava era a única comunicação que você tinha. Não tinha celular nem nada. Então isso era bem difícil. E às vezes, se estragava um rádio, ficava isolado. E tinha muitos policiais isolados assim a 30, 40 km do posto central, 2, 3, 4 policiais assim às vezes que ficavam... a tecnologia mudou bastante aí. Não sei bem localizar um marco aí, talvez alguém que fosse instrutor de uso da arma pudesse dizer melhor do que eu, mas creio eu que em 2010 por aí. Mais ou menos... 2010 em diante, começou também o aporte de novas armas. Aí veio... começaram a trabalhar com a ideia de tecnologias não letais. E depois até modificaram essa nomenclatura. Isso veio da ideia dos grandes eventos. Então Copa, Pan Americano, outros eventos, o Fórum Social Mundial, alguns outros... aí começou a se ter a ideia de trabalhar com pistolas de choque, essas de descarga elétrica, a marca Taser era a mais famosa e tal, e alguns outros instrumentos desse tipo. Coisa de gás, algumas outras assim, que já existiam anteriormente, mas eram muito pouco. A gente usava... eu lembro que no interior a gente tinha tudo isso... granadas de gás, algumas coisas assim, mas eram pouquíssimas e eram tudo vencidas. A gente não sabia se ia funcionar. Então eu tive experiências de Movimento sem Terra, nós estar em assim grande confusão, desses tumultos que... em Palmeiras das Missões por exemplo que era... havia muito tentativa de ocupação do Banco do Brasil, porque o Banco do Brasil tratava com financiamento da agricultura e aí... e aí vinham... e a gente tentava deter e não conseguia. E aí tentava e as granadas não funcionavam. Era um negócio meio caótico assim. Isso melhorou bastante, esse tipo de tecnologia, mas também o treinamento ficou muito, no meu entender, que tem colegas que discordam, no âmbito do pessoal de operações especiais. Então o Batalhão de Operações Especiais, o pessoal nas unidades que... o pessoal no dia-a-dia pouco treinava. Que nesse também o aporte não é tão grande. E também as armas de maior poder, como... aí há uma dificuldade de se entender se... uma espécie de aumento da criminalidade levou a isso, alguma coisa assim... um aporte grande nos últimos 10 anos assim de armas de maior potencial mesmo de... letal. Como fuzis, por exemplo, fuzil era uma coisa muito rara de se usar ali até 90 e... até 2000, 2002 era muito raro de se usar o fuzil. Se usava às vezes no interior em algumas operações específicas que às vezes estavam no campo aberto. Aí algumas assim de vigiado. Mas poucas. E tinha poucos fuzis. Os fuzis eram muito velhos. Os fuzis que tinham eram de atirar uma vez por vez. Então uns fuzis muito antigos. Eficientes, mas bem antigos. Aí por 2002, 2005, começam a chegar daí outros tipos de armamento. Outras metralhadoras, que até hoje está crescendo ainda, mas ainda é um aporte novo. Até o ano 2000 por aí se usava o revolver calibre 38, que era na época uma arma eficiente. A capacidade de carga dele era 6 tiros. Tinha que carregar todos os cartuchos pra recarregar manual ou com algum outro instrumento. Difícil. A pistola também mudou muito isso, porque ali 2000 em diante começou a ser seguido a pistola. Pra o trabalho de rua foi uma mudança bem grande, porque... bom, você carregava o triplo da munição dentro já, pronta na pistola. E isso mudou muito até... na época talvez se tenha feito alguns estudos, se pensava que ia aumentar o número de disparos, coisa, mas na verdade acabou reduzindo. Então, o pessoal... aí o treinamento foi melhorzinho, já tinha munição, já tinha... o treinamento já estava bem mais fácil né. Isso

também... a questão da munição é uma questão interessante. Até 98, 99, a munição era comprada e usada... não era recarregada como a gente chama. O próprio pessoal aí carregava, colocar de novo pólvora e tudo. Fazer recarga. Isso implicava em pouquíssimo treinamento de uso da arma. O uso da arma efetiva né. Se treinava, mas não atirando. Se treinava sacar, fazer... mas o tiro era muito pouco, muito pouco mesmo. Um curso ali quando eu fiz de 86 a 88, devo ter disparado em todo o curso da academia, em 3 anos, no curso oficial com ... manhã e tarde, e atividades noturnas... eu devo ter disparado o que? 30, 40 tiros em 3 anos. De revólver. Pra ter ideia, em 97 eu fiz um outro curso que em uma matéria nós disparamos mais de 700 tiros de pistola cada participante. Essa é uma mudança brutal e aí te habilita a acostumar a usar a arma, tu ter contato com ela, saber os mecanismos que... eu acho que é mais ou menos isso. Não sei. E as outras tecnologias, quando a gente vai subindo na carreira, aí a gente vai chamando atenção pras tecnologias mais macro né. Então veio... as câmeras deram um grande movimento, mas ainda é muito... está em expansão. O grande... assim... a grande mudança das câmeras foi que se esperava muito delas, mas depois se percebeu que a nossa capacidade de reação era muito pequena e ainda é pequena para o... a câmera estava te oferecendo o visual de alguma coisa acontecendo... você não pode, não tem às vezes disponibilidade de gente para ir lá assistir. Isso é extremamente agonizante. Você às vezes está vendo lá uma briga. Ou alguém que assaltou saiu correndo. Ou um furto ou um roubo, alguma... por exemplo, isso está ocorrendo no momento, você está assistindo. E às vezes todas as viaturas estão ocupadas ali. Bom, então a câmera sozinha ela não... mas foi um grande avanço também, uma mudança no raciocínio, uma mudança no ensino, uma mudança toda, porque a gente tem que trabalhar com isso. Existem... o instituto de pesquisa, se você for buscar lá, alguns estudos feitos sobre isso. Que são estudos feitos por polícia militar. Tem um bom conteúdo ali empírico. As buscas ali, eles narram as coisas, quantas câmeras tem em tal lugar, como é que funciona... então dá para buscar isso. Esse foi também um... e as tecnologias também de comunicações mudaram um pouco a ideia macro, porque os sistemas, por exemplo, reuniões de comando, essas coisas ficaram muito mais fáceis. O acesso a determinado... a Secretaria de Segurança depois com os grandes eventos fundou aqueles... nós tínhamos antigamente um centro que controlava todos os outros materiais de porto Alegre, que era rádio. Comunicação sonora. Então as pessoas se dirigiam em grandes ocorrências que envolviam bairros assim, alguma coisa maior assim intuitivamente. Tinha um mapa, um mapa físico ali de Porto Alegre e 4, 5 pessoas por rádio dando instruções para várias viaturas e tal. De uma hora para outra, num espaço de 20, 20 e poucos anos, a gente tinha visual completo, você consegue enxergar onde estão as viaturas, tem a câmera tem os celulares se você quer falar só com um, com outro. Se quer falar só com o chefe e não com todos. Se quer falar com todos consegue. Então mudou muito aí. Embora, aí na minha opinião, também o treinamento ainda não tenha... ainda eu acho que leva um tempo para o pessoal se adaptar com isso ainda. Eu não sei se é mais ou menos um panorama esse das tecnologias.

P – Ótimo. Você falou de alguns marcos que você entende, como por exemplo o final dos anos 90, enfim, como você entende esse marco dos megaeventos... como isso impactou em relação à temática das tecnologias?

E – Teve um tremendo impacto. O impacto maior eu creio que foi em termos de planejamento. Esse... havia uma preocupação muito grande com a Copa principalmente, mas os outros eventos também. O Fórum Social Mundial antes já tinha nos alertado aqui no Rio Grande do Sul para isso. Por quê? O Rio de Janeiro já está acostumado provavelmente com essas coisas, porque eles têm megaevento desde sempre. Eles sempre tiveram, mas nós aqui... por exemplo, o Fórum Social Mundial, que eu tenha notícia, foi um dos primeiros eventos grandes assim que teve aqui... depois talvez a Copa, uns outros Shows e finais de campeonato assim. Mas isso chamou

a atenção primeiro pra ideia do planejamento, porque envolve muitas pessoas. E planejar com essas pessoas esse tipo de ação é difícil. Bem difícil. Então acho que isso foi o grande marco. Onde a tecnologia se envolveu nisso aí? O sistema de reunião por exemplo. Os Comandantes de Porto Alegre por exemplo não precisavam, podiam fazer reunião por Skype. Quer dizer, o cara pode estar lá no Primeiro Batalhão aqui na Zona Sul, o outro estar na Zona Norte e tal e não tinha que se reunir, porque isso era muito problemático. Você tinha que trazer gente de todo o interior, marcar um dia, em um momento em que pudesse todo mundo e tal, aí fazia uma pauta, conseguir fazer tudo isso. Às vezes surgia uma coisa. Então isso é difícil. As tecnologias deram uma força pra isso. Ajudaram que você podia fazer uma reunião virtual. E mesmo dentro de Porto Alegre. Isso aí foi uma mudança. Depois a possibilidade de usar celular, câmeras, alguns equipamentos dentro da viatura... acaba, isso aí mudou todo o planejamento. Ficou um planejamento mais complicado, bem mais complicado, que envolve muito mais gente, mas também muito mais eficiente. E no meu entender esses grandes eventos foram bem positivos. E os resultados no Rio Grande do Sul, afora algumas questões de violência e tal, que foram bem complicadas, mas bom... isso também tinha que se esperar, rendeu bons frutos aí. Acho que o único ponto negativo ficou sendo a questão de o pós. Aí na minha opinião. Alguns colegas provavelmente discordem de mim. Que assim, a gente nunca... as reuniões de discussão posterior eram muito... não eram muito eficientes assim. Ah bom, o que aconteceu lá? Vamos rever isso e tal. Acho que é... terminou o evento... mas as tecnologias deram um tremendo impacto nisso.

P – E só uma questão que eu estou tentando entender: o Centro Integrado de Comando e Controle surgiu, mas antes ele era o CIOSP...

E – É, ele teve vários nomes. Isso é uma questão interessante. Acho que vale a pena tu dar uma estudada nisso aí, talvez com outros colegas também. Outras entrevistas, alguma coisa, ou talvez até procurar mais por projetos se conseguir. Que desde que eu estava na academia lá, final dos anos 80, havia já uma ideia da brigada... aí isoladamente da Brigada, não era das outras instituições... talvez a Polícia Civil tivesse outra informação, não sabia e tal... mas na Brigada Militar havia uma ideia de querer incrementar essa parte de comunicações, que é uma parte que ainda hoje, se a gente vê pelos planos nacionais, os planos estaduais de segurança aqui... eles são, estão sempre tentando incrementar mais. Bom, tecnologia está avançando bastante, então... O que esbarrava aí? Preço: era caro, ainda é caro a tecnologia. Mas era mais, era ainda mais. Uma torre que facilitasse a comunicação por rádio aí pra botar em alguns lugares do interior era muito caro, então não a verba... nunca era disponibilizada esse tipo de verba. E que mais aí? É, deixa eu voltar agora para eu lembrar. Eu saí do raciocínio. Era o preço, o uso... esses, ah o que valeria a pena explorar? Ah, os nomes, eu queria dizer... era pitoresco. Ah, isso aconteceu algumas experiências desastrosas que eu pude acompanhar bem de perto. Teve... os governos iam mudando sucessivamente. Aqui no Rio Grande do Sul principalmente. No Rio Grande do Sul isso ainda acontece... troca de um governo, um partido quase que completamente oposto em... assim se a gente pudesse grosso modo dizer ideologia. Troca da esquerda pra direita, da direita pra esquerda de novo e tal. Essa sucessão... eles mudavam de nome os centros de operações. Então chamou-se TAI... não sei o que integradas. A gente até acabava nem entendendo mais as siglas. O centro de operação que tem hoje... hoje eu nem sei mais o nome...

P – Pelo que eu sei é Centro Integrado de Comando e Controle

E – Ele recebeu vários outros nomes. Há alguns anos. Era a mesma coisa. O projeto é o mesmo. Só que os governos não queriam nem dizer que isso era... chegou a ter um período ali, que eu

trabalhei no departamento de ensino entre 2000, 2003, nós trabalhamos com os computadores que estavam se deteriorando, porque eles não abriam o centro de controle da Brigada, assim mais que na época seria algo bem avançado pra época. Eram computadores comuns hoje, mas na época seriam avançados. Porque... por causa de troca de governo. Então o governo anterior teve a ideia, fez todo o projeto, saiu, o governo que entrou não queria avançar com aqueles nomes e nem dizer que era... e aí ficaram lá aqueles computadores ficaram. E nós acabamos usando no ensino. E ele foi mudando de nome. Foi TAI, foi centro de operações integradas, foi... a ideia de integrar com todos os órgãos de segurança pública, Civil, SUSEP, Brigada, Bombeiros, tudo... já era antiga, mas só foi consolidada aí creio que em 2003, 2004 por aí que começou a ideia... nasceu lá de ser na secretaria de segurança e aí melhorou bastante. E aí foi avançando independente um pouco dos governos aí, conseguiram avançar todos os governos. Ninguém conseguia tirar aquilo lá. Então ficou melhor. Hoje está funcionando bem. A ideia provavelmente avance muito. Então, mas ainda... no tempo em que eu trabalhei na Secretaria de Segurança, em 2014-2015, início de 2015, havia algumas disputas de poder, de vaidades pode ser dizer alguma coisa assim que atrapalhavam o funcionamento. Então quem vai ser o chefe? Porque o coronel não pode ser um delegado; por isso precisa ser um coronel da Brigada, porque quando tiver de plantão da Polícia Civil ele vai comandar os outros que são da Polícia Militar e os Bombeiros? Então havia esses problemas. Do ponto de vista da graduação mais baixa, isso não era, até onde eu sei, muito problemático, porque o pessoal atendia o rádio, então, quer dizer, não importava muita coisa ali. Eles até se revezavam. Mas do ponto de vista de quando começava a hierarquia a subir os chefes... aí havia problemas. Porque aí havia disputas de quem... modos de ação, o que pode fazer, os limites e tudo e então uma questão de imagem das instituições mesmo. “Nós queremos ser vistos assim, nós queremos ser vistos de outro jeito”, e aí rolavam umas disputas que traziam alguns problemas, mas a ideia é antiga e travou muito nessas questões de... o que a gente sempre, na segurança pública todos... aí é unânime, acho que todos os profissionais de segurança pública vão dizer... é a questão velha, e o pessoal que estuda essa área também vai dizer que não são políticas de Estado, que são política de governo. E aí trocou o governo, você para, aí troca o chefe. Aí troca o chefe implica em trocar os escalões maiores e aí não dá. E às vezes até os menores. Tem chefe que troca... “vou levar o meu pessoal que é de confiança, tá aqui e tal. Às vezes nem parece... como diziam os outros... às vezes nem parece o funcionalismo público. Dizer não vou trabalhar aqui com todo mundo... Isso eu acho que atrapalhou muito. Atrapalhou muito e acho que provavelmente ainda atrapalhe. Eu não tenho mais contato com o pessoal lá, mas eu acho que tem ainda essas mudanças. Inclusive os nomes. Os nomes eram bem interessantes. Eu não sei, acho que ninguém fez isso ainda, mas se pegar um pesquisa de nomes desses centros lá de 2000 até aqui... mudou de nome umas quantas vezes. Por questões assim às vezes não relacionadas à tecnologia e nem relacionadas à segurança pública. Relacionadas aos governos mesmo. De “não, o governo é tal, o secretário é tal, ele quer isso assim, isso aqui é assim”. Aí você vai olhar e dizer “ah, mas é a mesma coisa”

P – Agora eu entendi um pouco melhor, porque eu peguei esses nomes muito a partir de notícias de jornal e essas notícias muitas vezes falam “ah, o centro tal foi substituído...”, mas na verdade...

E – É o mesmo. Às vezes é o mesmo sistema e tal com alguma novidadezinha ali e tal, mas o sistema de trabalho é o mesmo como tudo. E mudança é no nome.

P – E nessas notícias também que... eu ainda não fiz uma visita ao centro, ao que atualmente é o Centro Integrado de Comando e Controle... tu fala muito da questão das câmeras, mas que

geralmente até tem as imagens das câmeras ali na tela, na parede, enfim, mas tem outras tecnologias também operando. A câmera é um pouco o que mais aparece.

E – Sim, a câmera é o central ali. Eu não seria a melhor pessoa para te dizer isso. Eu posso te dar uma notícia aí que talvez alguém que tenha trabalhado lá... porque eu não trabalhei diretamente, mas tem outros mecanismos. Por exemplo, os mecanismos de rádio por exemplo ainda são muito importantes, os sonos. Porque tem a maior parte dos lugares não tem câmeras. Então, quer dizer, a maior parte da cidade de Porto Alegre, ou de toda a região metropolitana... grande parte não tem câmeras. Então os rádios ainda são bastante importantes. A possibilidade de você acompanhar por... eu não sei que sistema eles estão usando hoje... em alguns lugares usavam o Google Maps mesmo para poder acompanhar viaturas, a trajetória delas e tal. Tanto para efeito de controle interno quanto de socorro. Mudou bastante. Aí é um ponto bastante vital. Então, e até de mapeamento de estatística. O georreferenciamento... isso foi uma mudança ali. Ainda está em avanço. Não sei em que pé está hoje, mas é uma mudança drástica aí, porque você pode por exemplo fazer mapas. E aí visualizar. A gente visualizava isso meio mentalmente. Ou com alfinetes no mapa. Hoje a gente consegue traçar ali os pontos quentes, outro tipo de georreferenciamento. Eles usam... parece que estão usando bastante. Não sei nos últimos 3 anos aí, mas é... no tempo em que eu estava ali eles usavam bastante. Além da... muito além das câmeras. Até é interessante, enquanto a gente responde, a gente reflete um pouco. A câmera talvez seja a questão visual, porque o alcance dela não é tão grande assim. Então você alcance ali centro de Porto Alegre, algumas outras regiões e só. O número de câmeras não é tão grande também. Então não é tão eficiente assim. Assim pro alcance. Tudo o que o centro faz ali... quer dizer o controle de toda a cidade... e aí essa produção que pode ser estudada pontualmente macro pelos órgãos de comando ou pelos órgãos menores... "o comandante da Zona Sul quer ver o georreferenciamento da região dele lá"... isso é possível hoje. Então quer dizer, ele pode acessar isso online. Então isso aí mudou bastante. E mudou a forma de planejar também. No meu entender ainda com alguns problemas, porque talvez, na contramão daí de alguns colegas, eu acho que falta muita pesquisa, eu acho que falta envolvimento aí de... o que se poderia ter aprendido com a experiência do Observatório de Segurança Pública de Canoas. Que trabalhavam lá estatísticos, historiadores, sociólogos, tinha um pessoal da UFRGS lá, o Rafael, os outros que trabalhavam lá. Aquilo ali eu acho que era sim o que se deveria ter. A Secretaria de Segurança teve isso uma época no governo... no primeiro governo do PT, que estava ali no Fandiño, que foi meu orientador lá na UFRGS, a Letícia que hoje está lá nas Políticas Públicas... ela trabalhou ali. Ele pode te dizer alguma coisa. Aquele período ali tinha gente trabalhando que não eram só policiais. Então, e os policiais com todo o seu conhecimento, sua experiência, que também são necessários. Mas depois disso foi sendo... não... era só mais fechado nas instituições e tal. No tempo em que eu trabalhei inclusive ali alguns de nós reclamávamos muito da participação da sociedade civil. Tinha até um senhor, que eu nem sei onde anda mais, que o Gabriel sempre teve... ele cobrava muito do Secretário Michels. Ele dizia "a sociedade civil não pode participar de nada, a sociedade civil não tem muito espaço". E aí eu comecei a também me dar conta disso aí. Mas em termos de tecnologia eu acho que é isso.

P – E especificamente em relação às câmeras, para detalhar um pouco mais disso que você chegou a falar sobre a expectativa que não se cumpre assim, seria uma expectativa de uma certa predição maior ou uma possibilidade maior de intervenção no ato da ocorrência?

E – A expectativa... isso é uma questão também que vários colegas comentam, mas eu aprendi muito também com o observatório de Canoas, eu acompanhei algumas poucas vezes lá o pessoal, mas eu acompanhei uma colega que fez uma tese de doutorado sobre as políticas

municipais de segurança. Ela pesquisou bastante, eu conversava muito com ela, e a gente começou a ver assim: quando instalaram aquele... um dispositivo que escuta sons de tiros, se descobriu muito som de tiro. Muito, muito em Canoas. E aí filtrando aqueles que poderiam ser de outras coisas e tal, se descobriu que muitos ainda eram de tiro. E não tinha nem 10% da capacidade de acompanhamento. De ir lá no local. A gente sabia onde se tinha sido disparado o tiro. E não tinha nem guarda municipal, nem polícia militar, nem polícia civil disponível às vezes para ir lá. E isso aconteceu com as câmeras aqui também. Talvez alguém possa dizer em que proporção isso aconteceu melhor do que eu, quem trabalha lá. E talvez ainda aconteça. Bom, uma evidência que se pode ter disso hoje é fazendo uma experiência. Não é um experimento qualquer. As vezes que eu tentei ligar pro 190 aqui, que hoje chamam... a central que vai dar lá... hoje a gente chama o CIOSP, eles estão sempre com "ocorrência em espera", que eles chamam. Então quer dizer, quem sabe isso do outro lado lá... significa uma tela. Quem atende lá do outro lado te escuta, está vendo na câmera, ou recebe a chamada do 190, sabe o local da ocorrência, mas quando ele olha assim "oh, tem 10 viaturas atendendo ocorrência". Então quer dizer se cada ocorrência dessas levar em torno de 15, 20 minutos se for uma ocorrência simples, muito simples (tem ocorrências que levam 6 horas, que levam 2 horas), ele vai poder daqui a uma hora, uma hora e meia atendendo lá. Você vê por exemplo uma lesão corporal... a câmera aqui na região do centro. Em volta da rodoviária ali, que tem então o pessoal ali que... aquela mistura... pessoal que carrega papel, pessoal que vende drogas ali tem bastante... Então tudo perto da Secretaria de Segurança, da rodoviária ali. Se enxerga na câmera lesões corporais... se vê a todo momento. Se desentenderam por causa do preço da droga, querem assaltar alguém.... e às vezes você ali do lado da secretaria de segurança não tem uma viatura pra só ir ali. Porque às vezes a resolução é simples, é chegar ali, registrar e pronto. Às vezes só a presença da viatura passando ali já resolveria, mas às vezes você não tem isso. Então isso é problemático. A expectativa era que você teria um alto poder de controle. Mas aí acho que há uma falha grande no planejamento e no poder de reação. E se acreditava... lá por 2000 por ali, se acreditava que nós poderíamos reduzir o efetivo da polícia aos poucos e aumentar tecnologias. O problema é que a gente descobriu que o efetivo de polícia militar... é difícil... não tem certo essa ideia, essa ideia não se cumpriu. Bom, se precisa. A gente acreditava na ideia de que as pessoas, ao longo dos anos, iam querer ser atendidas, mas não iam querer ver policiais na rua. E as pessoas querem. Então você tem lugares que tem que ter os policiais lá. Às vezes com quase... com baixíssimo... com... policiais a pé em dupla têm baixíssimo poder de resolver algum conflito. O risco pessoal deles é grande também, só que às vezes você não tem outra saída. Bom as pessoas querem ver alguém ali para se sentirem mais seguras. E você tem que... e as câmeras vieram nessa sensação de que nós conseguiríamos ter um controle maior... nós conseguimos ter visibilidade maior. Mas o controle não. E isso é meio problemático do ponto de vista de consciência, de tudo. E do ponto de vista da cobrança. Você sabe o que está acontecendo. Então, quer dizer, se nós quisermos colocar os 5 grandes pontos de tráfico de Porto Alegre... se a gente quisesse exercer algum tipo de controle... Bom Jesus, Restinga (uma parte da Restinga), Conceição, Santa Tereza, estou esquecendo um? A Tuca. O mais perto que eu morei, ali pertinho. Então é... se eu colocasse algumas câmeras e tal... ali tinha condições... você conseguiria. Mas ali assim tal... a contrapartida? Você consegue ali ver quem entra, quem sai, o que isso está fazendo... consigo sim, mas a contrapartida isso ainda não emergiu ainda. Eu tenho uma hipótese sobre isso. Eu acho que aí os pesquisadores poderiam... se fosse, porque ainda há uma polarização... acho que uma multipolarização aí entre academia, polícia e tudo isso aí. Já esteve melhor, isso já foi... até por conta de projetos como o da UFRGS lá o professor José Vicente, o Rodrigo e tal.. já teve uma aproximação, mas isso já se distanciou de novo. Dos dois lados. Do ponto de vista acadêmico e do ponto de vista... aí eu acho que isso daí poderia ajudar.

Poderia ajudar. Botar gente da estatística, da psicologia, até de áreas como a arquitetura, por exemplo, o PROPUR aí da UFRGS, para estudar arquitetura urbana, essas questões assim, gente do cinema daqui a pouco. Uma vez eu disse isso e um colega disse: "isso não tem nada a ver". "Mas tá usando câmera né? Você tem problemas aí, pra onde a câmera, qual tipo de câmera, que que faz, qual tipo de imagem", essas coisas. Eu acho que aí é um... mas aí é um hipótese.

P – Legal. E agora tratando mais da questão dos movimentos sociais.... que a ideia é tentar pensar nessa interação... primeiro também de uma forma geral se você consegue identificar algum tipo de transformação no modelo de atuação frente aos movimentos sociais em função da transformação das tecnologias.

E – Sim, esse tipo de movimento eu diria assim... em relação aos movimentos sociais. Porque mudou a atuação do policiamento, mas mudaram muito os movimentos sociais também. Porque se pegar até os anos 90, 2000 por aí, o que a gente tinha de movimentos sociais mais expressivos nos Rio Grande do Sul que implicavam em intervenção policial? O Movimento Sem Terra e tal ou os outros que iam na mesma direção... o movimento dos campesinos... eles tinham vários movimentos juntos ali... e o pessoal da esquerda por assim dizer mais radical... o pessoal... a CUT e outros que eram esporádicos, que eram movimentos assim. Nesse sentido a polícia até 2000 tratava "à moda antiga". Inclusive o treinamento em si... a gente não tinha nenhuma... um treinamento específico e tal. Era bom... dissolve essas manifestações quando os governos disserem, enfim.... eu acho que ali pelos anos 99, 2000, 2000 e pouco começa uma ideia de uma intervenção maior do judiciário, principalmente talvez na questão de reintegração de posse, de ocupações de terra principalmente. Eu trabalhei com várias reintegrações de posse. Fazenda Santa Elmira foi uma desocupação... que envolveu seguramente mais de 2000 policiais, tinha muita gente... a Fazenda é muito grande. Bom, pra tu ter ideia do tamanho da Fazenda Santa Elmira mais ou menos... o que a gente considerava na época movimentos sociais... no final da operação eles abasteceram com um posto de gasolina dentro da fazenda... um posto de gasolina deles, todos os veículos que estavam envolvidos na operação. Caminhões, ônibus, tudo. Isso era mais de 30, 40. Pra tu ter ideia do tamanho. Então era um negócio... acho que esse foi o primeiro assim que, acho que depois da fazenda anônima(?) e tal. Ao longo dos anos a questão foi politicamente melhorando. Para alguns não melhorou... foi possibilitando mais gente ir pra rua, então teve momentos de Diretas Já, sei lá... os estudantes indo pra rua... o do Collor, o impeachment, o movimento e tal... e isso mudou o panorama. Então quer dizer, nós como policiais treinados nos anos 80 não sabíamos que isso ia acontecer. A gente não pensava que isso ia acontecer. E aí dificultou muito. Teve que haver treinamentos de outros tipos e tal. E isso mudou. Contemporaneamente, se pegar aí 2005 em diante, acho que mudou muito mais, porque aí você tem uma outra configuração, um diálogo eu acho que é a questão aí de vários movimentos ao mesmo tempo. Então você tem lá black blocs identificados como aqueles... se autodizendo "nós somos black blocs". Tem gente da CUT lá fazendo... e todos ao mesmo tempo reivindicando... e reivindicações às vezes diferentes... e eles mesmos se desentendendo entre eles na reivindicação. Às vezes não e tal. E às vezes alguns que se aproveitam pra praticar crimes ali. Então, quer dizer, bom... tem algumas lojas que são quebradas como expressão de descontentamento com a conjuntura, mas são quebradas como protesto. Mas tinham outras que são invadidas para saque de capacetes, telefone celular e outras coisas. Chegaram a encontrar redes de organização que vinham de Caxias e pagavam com drogas pras pessoas furtarem no meio das manifestações... furtarem especificamente capacetes de moto e telefone celular. E aí recebiam. Recebiam... chegaram pessoas presas que contavam tudo isso e contavam quem eram as pessoas. Bom, essa mistura toda causou grandes problemas aí que eu acho que vigoram até hoje, que é uma confusão total. O Judiciário não sabe quem absolver, quem

condenar. A polícia não sabe o que fazer com quem prende, porque você pode ver essa minha ideia quando acontece. Você tem o movimento, aí quando prende a polícia... bom, a delegacia responsabilidade aqui seria tal... se você prender alguém nessa região aqui da Ipiranga fazendo uma manifestação e gerou um caso de condução pra delegacia, prisão, outro tipo de condução. Sabia... todo mundo sabe... foi pra delegacia tal... não consegue, porque tem medo que a delegacia seja invadida, alguma outra coisa assim... bom, leva para outro lugar. Mas é tudo um pouco intuitivo, um pouco confuso. Confuso mesmo do ponto de vista da polícia e dos movimentos sociais também, porque vamos pegar a diferença do anterior: o que a gente fazia quando queria negociar com o Movimento Sem Terra? Os líderes estavam identificados. Vocês viam os líderes ali. Então você ia lá e negociava com eles. E pronto, quer dizer: não dava certo? Não dava certo, então vamos ter que intervir com força e tal. Dava certo eles cumpriam e tal. Tinha questões indígenas. Eu trabalhei numa região lá que tinha muitas questões indígenas. Os indígenas faziam movimentos. Eu ia lá negociar com o cacique. Contemporaneamente agora eu acho nesses últimos 5, 10 anos, você não tem muita identificação de quem são as pessoas, de qual é o propósito e quem são as pessoas com quem você pode dizer alguma coisa. Então meio confuso dos dois lados eu acho. Eu acho que o panorama atual mais ou menos é esse. O que leva a se agir de modo intuitivo e perigoso, porque desse jeito você pode prender gente porque está com vinagre e às vezes não poder prender alguém que estava quebrando para furtar um celular, que não tem nenhuma ideologia, não tem nada. Então eu acho hoje bem confuso, e aí... desse ponto de vista. Embora eu ache que os movimentos sociais têm se organizado mais e melhor. Mas ainda assim na hora da manifestação de rua tem sido mais confuso. Bem mais confuso. Se confundem as questões políticas, propósitos... “bom, nós queremos isto, nós estamos aqui porque queremos que baixe o preço da passagem. Estamos aqui porque queremos que se eleja Fulano. Estamos aqui...”. Às vezes não tem a mínima ideia por que está lá, e a polícia também não tem a mínima ideia de... bom “quem são as pessoas que vão estar lá? Vai ter criança?” Você... há um tempo atrás você tinha bem essa estimativa... bom.... “tem que ter médico, tem que ter ambulância, tem que ter isso, tem ter aquilo. Poder atirar gás, não pode atirar gás... as pessoas podem correr pra lá, podem correr pra lá.” Hoje isso é muito confuso, e aí você não tem muito como planejar. “Tá bom, se eu atirar gás ali vai ter criança caindo?” Bom, nós tivemos episódios aí de viaturas ficando no meio de tumulto e os policiais terem que abandonar a viatura. É confuso... bom, não era pra viatura estar ali, porque as pessoas iam passar ali. Então não era... sempre a ideia estratégica é ter várias... quanto mais lugar de escape você tiver pras pessoas melhor. Quer dizer, você vem aqui, leva isso pra lá, mas pode ir pra lá, pra cá e tal. Se você não sabe bem a ideia do movimento você não tem muita ideia de se vão fazer isso, se não vão, se vão se agrupar em outro lugar e tal, se vão quebrar. Agora isso é muito confuso. Além de questões complicadas dos governos. E aí dos governos que eu participei, dos governos de esquerda. Sou um militante ainda, meio desiludido, mas um pouco ainda militante de esquerda. Então ambos os governos na hora de lidar com movimentos sociais acabam pendendo pro mesmo lado. “Bom, polícia que resolva lá, e vá lá” e depois o judiciário. Então isso fica meio ainda... mas eu acho que em termos de movimentos sociais eu acho que é isso. E eu acho que o mundo inteiro tá. Vamos ver, eu acho que talvez te sirva pra ilustrar melhor meu raciocínio, tem um filme que eu acho que ilustra bem meu raciocínio, que eu costumava passar pros policiais quando eu dava aula pra eles chamado... talvez você já tenha visto... e agora? Não sei o nome... “Diaz”... Diaz com Z, é o nome de uma escola. “Diaz, política e revolução”. Uma coisa assim. Diaz. Ele narra, ele mostra... claro que é um filme, mas ele mostra muito o que eu estou dizendo. Ele mostra... acho que foi 2001... uma manifestação contra o... acho que era o G8 na época, que inclusive policiais pediram demissão da polícia, porque avisaram o que ia acontecer. Isso na escola, chamado Diaz... esse filme mostra muito bem, porque esse filme

mostra o início assim dos policiais reunidos com o prefeito lá de Gênova e dizendo “nós não queremos violência, nós queremos tudo certo. E tem os manifestantes lá, um grupo se reunindo aqui, todo mundo vai estar vendo e tal”. E mostra manifestantes reunidos fazendo a mesma conversa: “nosso negócio é manifestar, nós queremos botar folders, faixas, cartazes, tudo... em lugares que eles não querem nós colocamos, mas nós não queremos violência e tudo”. Só que quando chega na hora a violência dos dois lados. Alguns manifestantes resolvem que têm que ser mais violentos, e não obedecem as diretrizes deles mesmos. Que eles tinham traçado lá. E a polícia a mesma coisa. Se descontrola, até que o ponto central do filme, o paradigma do filme é que uma mulher grávida, esposa de um dos policiais, é agredida por um policial porque ela estava passando no local. Ela tinha ido no médico e aborta o filho. E aí o policial quando vai pra casa ele não sabe mais o que pensar. E ele chega... ele olhar pra mulher, a mulher braba com ele, e ele não entende mais nada. Mostra essa espécie de confusão dos dois lados. Que eu acho que é o que reina hoje. Uma polícia confusa, que não sabe muito bem como agir, não sabe se atira com bala de borracha, não sabe se deixa tudo acontecer, se deixa incendiar contêineres por exemplo. Não sabe se deixa derrubar o boneco da Copa, o Tatu. O policial até hoje está com sequelas por causa daquilo. Completamente. Se você tem um planejamento e sabe qual é tipo de ação, você está preparado. Você está ali protegido de capacete para proteger a cabeça. Você não está de gorro, que pode levar uma pedrada. Agora, se você não sabe bem o que fazer, quem são, como... você não tem como fazer isso. E do outro lado os movimentos sociais acho que também têm passado por isso. Eu não tenho acompanhado tanto os movimentos sociais, até pela minha questão... difícil me deixarem participar muito como policial. Então quer dizer, mas acho que eles também passam por isso. “Tá, nós queremos fazer uma reivindicação forte, nós queremos protestar, nós vamos... carregar tocha assim, tacar fogo em alguma coisa, mas nós não vamos destruir patrimônio, carro de alguém. Nós vamos fazer um protesto de alguma forma.” E eu não sei se consegue fazer isso. Então eu acho... minha ideia sobre isso... acho que tem uma questão mundial. E aí entram acho que dois fatores que eu acho fundamentais, que é como a imprensa local reage a isso, e a nossa imprensa... a minha ideia é que ela é completamente alarmista nesse sentido. Quer dizer, não se preocupa com os ganhos, só com as perdas e como a sociedade em geral reage à imprensa. Então quer dizer, eu encontro amigos pobres contra alguns movimentos que são favoráveis a eles. Então “os estudantes lá querem que baixe o preço da mensalidade”. Ele é estudante lá, mas ele acha que eles são bagunceiros. Aí você forma outro campo de confusão. O que tem por algum tempo aí talvez... estou estendendo minha resposta, mas acho que pode te ajudar... que é... o mundo acadêmico tem me causado um pouco de... assim de... talvez uma reação meio de afastamento, alguma coisa assim, porque eu acho que nós também temos produzido excelentes teses e excelentes dissertações e pesquisas muito boas sobre isso, mas... a gente tem na área de movimentos sociais Maria Glória Gohn, Castells.. tem tudo.. legal, mas não tem chegado onde devia. Quer dizer, chega lá no movimento social mesmo... os jovens estão lá ainda.... não... eles estão lá ainda... não há um diálogo... entre nós... e com a polícia também não. Quer dizer, é difícil. Não tem ninguém disposto a fazer. Tem algumas tentativas e tal, mas aí é esse enfrentamento. Você vai... você tem que chegar lá e dizer. Os policiais não vão querer ouvir, eles vão te xingar e tal, mas tem que fazer. Então eu acho que tem esses polos de confusão aí. A imprensa eu acho que não é confusa. A imprensa eu acho que quer vender notícia e ganhar dinheiro. Acho que não é muito confusão não. Acho que ali está bem decidido o que quer. Esse é um ponto dela. Talvez falte uma imprensa livre... os americanos acho que... por incrível que pareça os americanos acho que com aqueles blogs e outras coisas assim... alguns freelancers lá que conseguem fazer isso. Aqui não. E aí tem o mundo acadêmico, que eu acho que nós estamos meio, como dizia lá o Bourdieu, encastelados. A gente produz coisas muito boas, mas é para nós. E no meu entender

um pouco carregado demais de teoria europeia americana. E não há uma teoria da América Latina aqui e tal, que eu acho que precisaria. E do outro ponto aí os órgãos de segurança ficam orientados pelo governo. E aí tem um ponto que poderia te ajudar bastante, que é... e aí não é um evidência muito... é uma hipótese. Com o policial você... ao longo dos anos ele vai ficando carregado de um sentimento de muita revolta. Se vê muita coisa terrível, e isso é um fato. E contra algumas pessoas bem pontuais. É o traficante... você vai criando esses estigmas sem querer. Por mais que você evite você cria. Então você está disposto a reações muito violentas. Se um governo disser assim ó... "Faz!", é um estopim. Quer dizer, o governo aí deveria sempre estar controlando, quer dizer, contendo. Devagar, calma, assim. E tem governos que têm feito isso. Tem governos pontuais que têm feito discursos assim. "Ah nós vamos colocar os bandidos no seu lugar, a polícia..." Dizer isso para a polícia é dizer "batam, que está tudo bem, que nós não...". Embora depois os policiais são julgados e são expulsos e tal. E não há intervenção dos governos quanto a isso. Mas há um estigma. Eu posso dizer pontual... já ouvi secretário de segurança, como o Otávio Germano... eu ouvi ele estimulando isso, dizendo pros policiais assim... Não atribuo isso a... talvez até é uma questão de desconhecimento dele assim... não precisa dizer assim... o policial já está no seu dia-a-dia pronto para fazer isso. Ele vai fazer isso. Ele vai agir com violência também. Se você disser para ele "aja dentro da lei e tal"... bom, aí é um outro... agora, ele escuta esse seu discurso... agora se disser "não, nós vamos botar os bandidos no seu lugar", quer dizer, pode ser uma frase que, pelo que você está dizendo... "pode ir e fazer o que você quiser, que nós vamos tolerar um pouquinho". E um outro componente que tem aí é que infelizmente os juízes e promotores, principalmente os promotores nos últimos tempos aí têm tolerado muito isso. Têm tolerado muito isso. Um paradigma aí interessante para se estudar. Ao contrário da lei de (?) lá... a Justiça Militar não é tão tolerante assim como a gente pensa com essas coisas. Há bastante condenações da Justiça Militar. Eu já participei de uma como julgador. Então bastante... várias vezes.

P – Eu entrevistei o Comandante Fábio.

E – Que era lá... a origem dele era lá como militante do PT justo conosco, então... a Justiça Militar não é tão como se pensa assim. Eu já participei de julgamentos e não é tão horrorosa. Claro que tem um certa condescendência em relação a pequenas violências, mas em relação a grandes coisas assim o nível de condenação é alto. Trabalhei na Corregedoria. É... pelo menos da polícia militar. Creio que na polícia civil também seja. Mas a justiça não militar, que a gente chama de justiça comum, cada vez mais a gente vai vendo pelas audiências de custódia, e por outras questões ali, as manifestações dos promotores como o Eugênio Amorim por exemplo... são pessoas estimulando a violência, quer dizer, e tolerando violência policial também. Tolerando atos de violência policial. Eu acho, claro, tendo visto isso eu acho que tem muitos problemas de doença aí... doença mental da polícia... tem alcoolismo... problemas que têm que ser tratados. Mas também tem um conteúdo de violência aí. Então... e tem que ser contido com rigor. Mas o judiciário, que poderia fazer esse papel, não tem... ao contrário. Nos últimos tempos eu acho que eles têm aí estimulado... bom, a última evidência aí que nós temos é um lançamento de um livro aí chamado "Bandidolatria" ou alguma coisa assim. OS promotores escrevendo isso, quer dizer, as pessoas que devem controlar... controle externo da polícia. Ministério Público. Ali eles estão dando uma mensagem para os policiais. Se for o que se chama entre aspas de "bandido" num senso comum, não tem lei. Pode fazer. E isso impacta nos movimentos sociais, porque se a imprensa começa a divulgar algumas questões que acontecem no meio dos movimentos sociais, somada a essas questões, os policiais chegam e dizem "bom, é assim que tem que ser". Posso ir lá e jogar bomba e bater. E isso qualquer tipo de manifestação então. Mas o quadro que eu vejo do lado policial é confusão. É difícil.

P – E tratando especificamente disso que você identificou como uma confusão... não se se você chegou a participar como policial desses últimos eventos envolvendo eventos de protesto... os da Copa, 2013, enfim...

E – Eu participei do policiamento em alguns eventos da Copa, mas não teve assim... nesses eventos mais onde teve confronto... eu acompanhei... eu estava na Secretaria de Segurança e acompanhei como supervisor mais assim. Não no local.

P – Você consegue identificar nesses últimos eventos como foi mobilizada a tecnologia? Porque eu falei com o Coronel Fábio, por exemplo, ele fala muito da questão de que quando ele era Comandante-Geral da Brigada ele ia até o Centro Integrado de Comando e Controle em eventos para ficar monitorando o evento. Como as tecnologias têm agido nessa...

E – Sim, essa é uma possibilidade muito diferente, porque hoje você tem condições por exemplo de assistir ao vivo de lá do centro e tomar decisões que eram muito mais vagarosas e muito intuitivas. Porque antes você acompanhava pelos relatos de mensagens ou ligações. Então tem policiais que estão lá no local trabalhando. Ou dentro ali... infiltrados ali no meio ou em volta, e estão lá comunicando por telefone. Quando você está vendo é muito diferente. Quer dizer, você está vendo ali pela câmera, está vendo o que está acontecendo. Vendo a rua, tal e tal. E também essa possibilidade de quem está tomando as decisões lá poder ver até do ponto de vista estratégico. Você está vendo todas as ruas lá. Quem estava no local não vê isso. Mentalmente, você... "bom, estou aqui na Ipiranga, tem ali"... mas quem está lá... ou até por câmera de helicóptero alguma coisa consegue ter um panorama muito mais... "bom, você pode sair dali, ir por ali e fazer isso... tirar gente dali, botar ali... levar ferido para ali... ambulância e tal". E isso mudou... o impacto grande. A questão que o Coronel Fábio mencionou... a maior parte dos pontos acho que são positivos. Tem uma parte que não é, que é... estrategicamente o melhor é o último escalão não estar presente, para quando a gente negocia o comandante poder percorrer... se ele está presente ele é responsável por tudo o que está acontecendo ali. E às vezes essa diferenciação por exemplo... "eu estou aqui, mas eu só vou tomar a decisão no último momento... enquanto vocês aí tomem até..." "bom, passou do meu limite aqui... eu não sei mais... eu preciso mobilizar coisas que não estão no meu comando e eu preciso daí do oficial superior, do comandante". Isso leva um tempo, mas como todos estão envolvidos acabam todos sendo envolvidos na mesma decisão. Então isso não é tão bom. Do ponto de vista estratégico não é pelo menos o que se pensa como deva ser. E realmente eu me lembro... até nós escrevemos um artigo... eu não sei se foi publicado. Pros anais de um evento da ABRASD aqui na La Salle... sobre os discursos posteriores ao... até fizemos uma crítica ao discurso do coronel Fábio. Mas eu fiz uma crítica, mas ao mesmo tempo dizer... "ah, mas se eu fosse o comandante eu ia dizer o mesmo". Quer dizer, você não tem como sendo comandante ir lá e dizer que "é, teve violência e tal". Não posição dele não tem como fazer isso. E até hoje, como juiz militar, não tem como dizer. Mas teve problemas ali. Ele foi uma figura importante nesse processo, porque eu sei que ele... eu acompanhava muito, por questões políticas... de ele reforçar muito a ideia de usarem o mais possível armamentos não letais, usarem o mais possível granadas de efeito moral e não de gás verdadeiro, então pouco gás assim para causar, porque as pessoas que não conhecem lá depois que estavam... se tiver uma fumaça eles correm, então surte o efeito. Bom, para sair dali não precisa necessariamente jogar uma granada de gás. Você pode jogar uma de gás pequeno e jogar 2, 3 de fumaça lá e as pessoas vão... surtir o efeito e não resvalar em ninguém. E ele foi muito enfático nisso. Ele disse "não é... isso não é para usar". Fez essa contenção que eu disse, que alguns secretários não fazem. Bom, o pessoal já vai disposto a ter uma ação enérgica. Se você libera eles aí sim... então ele fez essa contenção. Acho que fez o

papel correto de dizer assim “usem o menos possível, tentem evitar isso, tentem evitar aquilo...”. Ele foi bem enfático nisso com os comandantes. Então acho que isso talvez tenha tido um impacto. E se a gente olhar os resultados assim do ponto de vista de quem participou de operações assim e tal não foi... A imprensa eu acho que foi muito alarmista nesse sentido. Não houve grandes e tal... teve lesões e tal, mas a análise que se faz assim: onde teve violência policial tem investigação aberta e tal, foi pro judiciário e tal. Bom, se o judiciário não cumpre a sua função direito, que acho que tem deixado um pouco a desejar... alguns pelo menos... é outro... daí é outra questão. Mas bom, são consequências previsíveis de coisas como essa, de eventos. Bom, futebol? Vai acontecer umas brigas lá. Se as brigas que acontecerem forem contidas, os feridos forem socorridos e tudo o que tiver de crime for encaminhado pro judiciário, o resultado não é tão desastroso assim. Desastroso é quando, bom, teve tanta coisa, teve violência demais, coisas que a polícia não conseguiu dar conta, conseguiu socorrer gente, mas não conseguiu apurar quem é o autor... aí sim...aí eu acho que... então nesses confrontos ali que chamam de junho aí... acho que no Rio Grande do Sul teve problemas... acho que Caxias teve problemas, mas acho que estão dentro do espectro assim dos limites de uma democracia digamos assim meio confusa a brasileira. A democracia que... como é... tem um... como é que chama? De coalizão. Eu acho que aí sim, o coronel Fábio foi uma figura...

P – Só mais uma questão que eu tenho, que é uma dúvida, de algo que foi falado por alguns policiais, sobre o uso de tecnologias que não são necessariamente as tecnologias dos centros, das tecnologias que fazem parte do arsenal de tecnologias da polícia, tecnologias como Facebook e redes sociais de forma geral... a utilização dessas tecnologias em relação aos movimentos sociais.

E – Sim, um impacto muito grande. Aí tem um limite que a gente pode... eu sempre crítico... ontem eu estava vendo isso... também tem... os detalhes não devem ser contados às vezes para funcionar de novo, porque ontem eu estava vendo uma notícia no jornal, uma notícia do telejornal que o pessoal lá de São Paulo estava contando lá, exatamente como foi policiais infiltrados... isso não se deve contar. Mas o Facebook hoje, qualquer rede social, Twitter... há um mecanismo de... aí vários mecanismos de controle semelhantes aos que a gente usa pra pesquisa... fazer etnografia ou alguma coisa assim... os Órgãos de segurança usam isso. A Secretaria de Segurança estava trabalhando com isso aí. E isso ajudou muito, porque você consegue identificar grupos e subgrupos infiltrados. Dizer “bom esses aqui estão falando... aqui tu...” funciona tipo mais ou menos um NVivo... por exemplo, tem um tronco lá falando em “protesto”... tem um tronco ali falando as palavras assim “nova ordem” alguma coisa assim e tal, aí você tem um tronco falando em queimar contêiner. Então você consegue... isso aí ajuda. Principalmente o facebook, que é uma rede aí. E tem um pessoal que trabalho com isso... não é minha área. Pessoal da inteligência que trabalha com isso aí e aí consegue inclusive identificar pessoas e tudo aí que. Às vezes são... nem o movimento social não quer eles lá e tal. Eu não sei daí. Aí tem que perguntar para alguém. Mas isso tu não vai conseguir. Alguém da área de inteligência. Poderia te dar mais detalhes sobre isso assim sem nenhum problema. Porque não vai dar detalhes de como foi feito. Vai dar detalhes de como opera. Mas esse povo da inteligência realmente eles não gostam muito de aparecer. Mas eles poderiam te dar detalhes sobre isso. Isso foi bastante usado. Bastante. O Twitter, Facebook, até algumas redes que eu nem sabia que existiam lá, que são dissidentes e que só alguns podem entrar lá, tem algumas aí que eu não conhecia. Porque o meu contato daí com os colegas da área de inteligência. Como eu estava dizendo usaram bastante também. Usam ainda bastante isso.

P – Todas as perguntas já foram respondidas. Só mais uma questão, só para detalhar um pouco aquilo que você falou no começo sobre a falta de uma capacitação para trabalhar com essas tecnologias... se já chegou a ser construído algum tipo de material, de alguma formação específica para trabalhar com essas últimas novas tecnologias.

E – Tem melhorado bastante. Agora, como eu saí da área do ensino há algum tempo, aí teria que perguntar para alguém, mas tanto do ponto de vista de treinamento nessas tecnologias como usar essas pistolas de choque de descarga elétrica, o uso de computadores... tem gente treinando, isso aí tem gente... mas ainda no meu entender... aí teria que ver com especialistas na área... de uso de armas, aí eu posso dizer, porque eu orientei uma vez um colega que fez uma pesquisa, o treinamento por exemplo para armas de descarga elétrica era... ele concluiu, ele como professor de uso da pistola, era algo muito pequeno... os próprios operadores diziam "nós precisamos treinar mais, nós queremos treinar mais". É caro treinar. Então o uso dessa tecnologia eu posso dizer. O uso de alguns tipos de arma também, como fuzil e algumas outras, ainda eu creio que ainda é pouco. Isso é... pelo preço. E também algumas outras precise... e por trás disso... isso a parte mais prática. Precisa de treinamento e precisa de dinheiro para treinamento. Precisa hora/aula, precisa munição, precisa tudo isso para poder treinar. Por trás disso também tem uma questão que é assim, como eu posso colocar? Uma ideia de como usar esses artefatos todos ela é muito intuitiva ainda, eu diria. O pessoal das operações especiais diria que não, que há diretrizes e tal. Mas ela é muito concentrada em alguns policias. Como o batalhão de operações especiais e tal. Eles treinam bastante com isso, eles treinam bem. E os resultados são bons. Por exemplo, o nosso GATI aqui atende muitas ocorrências e passa muito tempo treinando. O número de vezes que eles disparam é pequeno em relação ao número de coisas que eles atendem bem, o resultado é bom. Os que estão no dia-a-dia na rua é que daí talvez precisassem de mais treino. Eu atribuo isso talvez a uma questão de gestão ou de dinheiro mesmo. Aí tem que ter mais treino. Até teve redução às vezes de carga horário, mas existem... aí você poderia talvez tentar pesquisar, ir no departamento de ensino e pedir... eles conseguem também tranquilo é o programa de matérias, de disciplinas dos cursos. "Quantas horas tem de uso da arma?" Até você pode olhar ali no... por matéria o que eles treinam... 10 tiros... não sei o que e tal... com arma tal... para ter uma ideia mais ou menos da quantidade. Ou entrevistar algum professor nessa área e tal. Poderia dizer aí a quantidade. Mas eu, na minha... pelo que eu trabalhei com ensino, a coisa ali é ainda pouco.

P – Disciplina de movimentos sociais... de como lidar com movimentos sociais não...

E – Aí sim. Essa é... ainda é mais... aí é um entrave maior. Essa é a questão ideológica que tem por trás. É difícil. Por exemplo, eu dei aula de sociologia da violência por um bom tempo. Eles assistem à aula e tal, mas não se interessam... Direitos Humanos... a gente tenta lidar com essa questão de lidar com movimento social, mas não dá certo. Eu já tentei umas experiência desastrosas de levar gente de movimento social para conversar com eles, mas também não deu certo dos dois lados. O encontro era meio traumático aí.

P – Estou super satisfeito. Acho que todas as perguntas que eu tinha foram respondidas...